



COMUNICAÇÃO

GAGUEIRA... É O QUÊ, MESMO?!?

*Roberta Ecleide de Oliveira Gomes Kelly**

*A centopéia vivia muito feliz
Até que o Sapo, gracejando,
Disse: "Por favor, com que pena a senhora inicia sua marcha?"
E a cabeça da centopéia ficou num tal estado, que ela se deitou perturbada
Numa vala
Pensando em como faria para andar...
Irwin, 1983*

A gagueira é um quadro dos mais comuns na clínica fonoaudiológica. Não sendo fonoaudióloga, mas estudando a gagueira já há doze anos, acompanho a formação desses profissionais e percebo que muitos mitos permanecem na própria Fonoaudiologia, a despeito de tantos estudos.

* Mestre em Psicologia Clínica (PUC-CAMP), doutora em Psicologia Clínica (PUC-SP), docente da PUC-SP do curso de Fonoaudiologia, Psicologia Clínica. E-mail: ecleide@hotmail.com

Este artigo pretende discutir um pouco acerca desses mitos, a partir da fala de alunas do quarto ano do curso de Fonoaudiologia,¹ e estabelecer alguns parâmetros para sua definição. Não se pretende aqui nenhuma originalidade, apenas um espaço de reflexão que sirva de auxílio, principalmente para os que estão entrando em contato com o tema pela primeira vez.

A definição da gagueira sempre se mostrou uma dificuldade, por ser muito fácil escorregar da definição à etiologia, tomando-se uma coisa pela outra.

Em 2001, antes de qualquer informação, baseando-me no que já deveriam conhecer sobre o assunto e em alguns textos que lhes passei (Jakubowicz, 1983; Meira, 1983; Friedman, 1986; Bloodstein, 1995), perguntei informalmente às alunas: “O que é gagueira?”. Apresento a seguir as respostas, que devem ser tomadas como disparador para as questões que vou desenvolver e não como dados de uma pesquisa, por não ser essa a intenção.

- *“Há conflito emocional, pode surgir por freqüentes interrupções e cortes dos pais, não ocorre pela tentativa da criança em adquirir um padrão adulto de fala”;*
- *“Alteração do ritmo de fala desencadeada por algum fator emocional, difícil definir, mais fácil descrever”;*
- *“Diversas possibilidades de origem, talvez existam gagueira de diferentes características, com origens diversas”;*
- *“Não posso concluir qual a definição da gagueira, pois há muitas teorias que tentam explicar seu surgimento, mas não a definem”;*
- *“A gagueira é muito bem descrita, porém ninguém define o que é, o que causa. Um fator muito relevante é a dúvida de para qual profissional encaminhar um gago, como trabalhar com a gagueira (ou com o gago), o que fazer para melhorar a gagueira ou o que fazer para a pessoa aceitar sua gagueira”;*

1. Essas disciplinas são optativas, escolhidas pelas alunas no último ano de curso. Este artigo discute as colocações das alunas em 2001 e 2002. Em 2001, a disciplina se chamava “Gagueira: definição, etiologia, terapêutica e compreensão psicanalítica” e, em 2002, “Estudo psicanalítico da gagueira”.

- “É uma desordem de fala e tem seu ritmo alterado. Parece que a explicação da gagueira está na junção de todas (as teorias) que já existem mais aquelas que vão aparecer”;
- “Eu acredito em todas as teorias. Acho que o gago tem um componente psicológico intervindo, tem uma tensão nos músculos, tem um conflito entre falar e não falar, angústia, medo, frustração. Porém, um gago não precisa necessariamente apresentar todos esses sintomas”;
- “Todas as definições apresentam concordâncias e críticas, mas nenhuma define com exatidão o tema proposto e deixam muitas dúvidas e questões que não foram respondidas”;
- “Todas as teorias apresentadas apenas caracterizam a gagueira; porém nem todas definem”;
- “É uma manifestação na fala do sujeito, que tem como característica uma série de alterações, como bloqueios, prolongamentos, hesitações, que podem ou não vir acompanhadas de manifestações corporais (tiques). Na gagueira, há muitos componentes do nível psíquico que ajudam na instalação dela e estes componentes podem ou não estar relacionados à história primitiva do sujeito”;
- “Existe na gagueira uma questão de denominação, tanto pelo sujeito quanto pelo outro, dando a ela uma conotação subjetiva”;
- “Não há uma definição, o que tem é apenas uma caracterização do problema por vários autores”;
- “Cada caso é um caso, depende de cada gago, pois a gagueira se manifesta diferente em cada gago”;
- “Gagueira é dificuldade!”.

A primeira idéia que me veio ao ler as respostas das alunas foi que lhes era difícil até mesmo definir o que significa definir. Pareciam não conseguir entender que definir é descrever, é caracterizar. Logo, a descrição das características de quem gagueja já é uma definição, não podendo ser considerada como “um tipo de”.

O conteúdo das respostas girou em torno do receio de dar uma definição. Em apenas duas delas pudemos ver um esboço disso. Tal fato parece ter decor-

rido da expectativa das próprias alunas em relação à possibilidade de existir uma definição-padrão, e que eu, como professora, poderia sabê-la. Ressalto, aqui, como um fato curioso, que mesmo no último ano as alunas tivessem essa expectativa, o que poderia ser entendido como fruto do próprio tema.

Para o leitor desavisado (das teorias), mesmo estudante de Fonoaudiologia, passa a sensação de que não saber definir a gagueira é decorrente de sua incompetência e não da variabilidade teórica. Quando questionei as alunas a respeito das colocações que fizeram, foi isso que revelaram. Voltarei a isso mais à frente.

No ano de 2002, com nova turma, algumas mudanças na organização da disciplina, mas com a mesma questão, “O que é gagueira?”. As respostas foram:

- “É um distúrbio que ocorre na fala de uma pessoa, caracterizado por disfluências como repetições, interrupções e algumas vezes com movimentos associados”;
- “É um distúrbio da fluência com interrupções no fluxo da fala. Essa gagueira está relacionada com prolongamentos, repetições e outros”;
- “A gagueira é caracterizada por pausas, omissões, repetições que ocorrem na fala de uma pessoa, que não consegue ter um controle disso”;
- “Gagueira é um distúrbio da fala. Ela é caracterizada por repetições, pausas prolongadas, interrupções, etc. Para que haja gagueira, o indivíduo precisa se achar gago”;
- “É um distúrbio da fluência, que pode ser marcado por pausas, prolongamentos, interrupções na fala do indivíduo e que podem vir ou não acompanhadas por movimentos associados. Para um gago é preciso considerar-se gago e suas causas são bastante discutidas”;
- “Um distúrbio da fluência da fala que não se manifesta apenas na fala, se manifesta no corpo inteiro. Ela faz parte do sujeito. Na fala, se caracteriza por pausas, repetições”;
- “É uma alteração na fluência da fala, é uma disfluência patológica”;
- “Gagueira se caracteriza por uma fala disfluente, ou seja, com pausas, prolongamentos, hesitações”;
- “É um distúrbio na fluência da fala e pode aparecer como pausas, hesitações, prolongamentos”;
- “A gagueira é um sintoma que aparece na fala do sujeito”;

- “É uma disfluência que ocorre na fala do sujeito, acompanhada ou não de movimentos associados tanto corporais como faciais, ocorrem prolongamentos, bloqueios, hesitações, repetições e alterações na respiração”.

Como consenso, dessa vez, a caracterização da gagueira como “prolongamentos, hesitações, repetições, bloqueios, com ou sem movimentos associados”. E apenas uma delas – uma aluna que já havia atendido um gago – a constatação de que o gago “deve se perceber como tal”.

Ao ver as respostas desse ano, veio-me rapidamente à mente um texto de Barros e Friedman (2000), em que aparecem os não ditos importantes acerca da gagueira, a partir de um trecho da fala dos fonoaudiólogos:²

A proposta de definição de gagueira *pressupõe uma fala normal*, já que é um distúrbio e que é uma disfluência patológica;

– Quem fala tem controle do que faz e quem gagueja perde o controle. Ou seja, *quem não gagueja controla a fala*.

Concordo com Friedman (1992, 1997, 1998, 1999), quando aponta para a ideologia do bem falar que perpassa o imaginário social. Pelas colocações acima, podemos observar que, para o senso comum, o gago é aquele que perde as rédeas da boa condução da fala, tornando-se um mau falante. Nada mais lhe resta a não ser buscar controlar o ato da fala, qual um exercício, insistindo em falar direito e falhando a cada tentativa...

Se, ao final do curso de Fonoaudiologia, as alunas continuam a ter essa visão da gagueira – indefinível e resultado de um descontrole do ato de fala – é hora de repensarmos um pouco os nós teóricos (e mesmo nós, como teóricos) e esboçar algumas saídas.

Voltemos à definição, retomando apenas algumas delas, percorrendo outras áreas, que não só a Fonoaudiologia:³

-
2. “A gagueira é definida como um distúrbio da fluência que se caracteriza por interrupções anormais no fluxo da fala, sendo geralmente experienciada pelo indivíduo que gagueja como uma perda de controle, já que é involuntária” (Barros e Friedman, 2000, p. 336).
 3. Em momento algum pretendo esgotar as muitas possibilidades que já foram oferecidas pela literatura ao definir a gagueira. As definições, aqui, têm o objetivo de ilustração da problemática exposta.

Bloch (1968, pp. 129-134, passim) faz várias considerações:

A gagueira é um grito de socorro revelador de conflitos subjacentes.

A gagueira não é uma maneira de falar, mas uma maneira de ser e sentir.

Na realidade, não existe gagueira. Existem gagueiras.

A gagueira é mais desordem da personalidade que da fala.

Ora, pouco pode se delimitar da gagueira em si, pois quase todos os transtornos mentais podem ser assim colocados ou caracterizados.

Em Johnson (1942), encontramos a gagueira como um distúrbio avaliativo dos pais em relação à disfluência expressa pelo filho. Ou seja, a gagueira começa no ouvido dos pais, principalmente naquela época em que a criança apresenta mais disfluências, no período de aquisição da linguagem.

Bloodstein (1995, p. 9) faz a seguinte colocação: “não temos nenhuma definição operacional que sirva para caracterizar as respostas de gagueira de uma forma totalmente satisfatória”. O autor descarta todas as tentativas possíveis de definição, até mesmo a que estamos buscando.

Para Sheehan (1953), a gagueira é um conflito de aproximação-avoidance, um problema psicológico. Em outras palavras, a gagueira é o que lhe causa, o que não a define.

Wingate (1964, apud Meira, 1998) estabeleceu uma definição que ainda é considerada como a mais exata:

O termo gagueira significa: interrupção na fluência da expressão verbal que é caracterizada por repetições ou prolongamentos involuntários, audíveis ou silenciosos, na emissão de pequenos elementos da fala, chamados: sons, sílabas e palavras de uma sílaba. Estas interrupções usualmente ocorrem com frequência ou têm caráter marcante e não são prontamente controladas.

Algumas vezes as interrupções são acompanhadas por atividades acessórias envolvendo o aparelho fonador relacionado ou não com estruturas corporais ou emissões de fala estereotipadas. Estas atividades aparentam ser uma luta relacionada à fala.

Também há, não infreqüentemente, indicações ou relatos da presença de um estado emocional que varia de uma condição geral de “excitação” ou “tensão” para emoções mais específicas de natureza negativa, tais como medo, embaraço, irritação, etc. A

fonte imediata de gagueira é alguma incoordenação expressa no mecanismo periférico da fala: a causa é presentemente desconhecida e pode ser complexa ou composta. (Wingate, 1964, p. 484)

A definição é bastante ampla, caracterizando a gagueira e apresentando fatores desencadeantes sem uma teoria específica – o que permite sua utilização por muitas áreas –, além de uma linguagem acessível a qualquer leitor.

Ajuriaguerra (1980, p. 320) assim coloca:

A tartamudez ou gagueira é um distúrbio da fala que se caracteriza por repetições ou bloqueios que acarretam uma ruptura do ritmo e da melodia do discurso. São descritos classicamente dois tipos tartamudez: a clônica (*stuttering*) e a tônica (*stammering*), que normalmente encontram-se associadas. A primeira caracteriza-se por repetições mais ou menos longas dos fonemas, especialmente do primeiro, às vezes com emissão de um fonema parasita; a tartamudez tônica, por uma parada de emissão, acompanhada de sincinesias mais ou menos importantes e de reações emocionais. Os movimentos associados e os distúrbios respiratórios são considerados como as conseqüências secundárias desta afecção.

A definição é bastante extensa e faz uma subdivisão que, na área fonoaudiológica, é pouquíssimo utilizada. Para as pessoas que não são dessa área, tal caracterização permanece, porém, como a mais correta, pelo peso que tem o autor para a discussão das psicopatologias infantis.

Jakubowicz (1983, p. 19) diz que a gagueira se divide em fenômenos observáveis:

(...) repetição ao nível do fonema, da sílaba ou do sintagma, alongamento de sons, bloqueios da fonação, posições articulatórias fixas, pausas estranhas à fala, mudanças súbitas na tonalidade e na intensidade da voz, falha do ritmo, falta de sincronização entre a respiração e a fonação, distorções faciais e corporais, introdução sistemática de pequenas frases ou interjeições;

e não observáveis:

conflito entre falar e não falar, medo das palavras, sentimento de frustração e vergonha, falta de confiança na sua habilidade para falar, ansiedade em situações de fala, embaraço, tensão, irritação e confusão, dúvidas e ambigüidades, autodefesa.

Da mesma forma que Ajuriaguerra (1980), temos uma descrição bastante acurada. Só que ao dividir o fenômeno, a autora pode dar a idéia de que as ocorrências são separadas, o que não é a realidade. Além disso, fenômenos observáveis e não observáveis se retroalimentam, criando e definindo a gagueira.

Finalmente, em Grünspum (1987, p. 10), também se referindo aos quadros psicopatológicos infantis:

Nos distúrbios de linguagem, enquadra-se a gagueira que é distúrbio de ritmo. A gagueira prende-se muito diretamente a fatores de ordem emocional. Geralmente, ela se inicia por imitação, em casa ou na escola. Com a atitude da família – de ansiedade, de correção, de afastamento do gago do convívio com os outros – aumenta a dificuldade da fala.

O autor, bastante conhecido na psiquiatria infantil brasileira, faz colocações que podem ser afeitas à gagueira ou não. Não só a gagueira é um distúrbio de ritmo, e se o é, como? Além disso, muitos quadros estão ligados a fatores emocionais e a questões familiares. A imitação parece aparecer como um fator a isentar o gago de sua própria gagueira, o que complica ainda mais esta definição, que não caracteriza a gagueira em si, apenas fala de situações associadas a ela.

Essas poucas definições que, como avisei, são algumas delas, dão indícios do quanto é difícil expor sobre o assunto sem gerar uma série de dúvidas; o que, aliás, as próprias alunas indicaram e alguns teóricos também (Meira, 1983; Friedman, 1986). Em comum, temos a descrição dos bloqueios, hesitações, repetições, ainda que tais comportamentos estejam associados à palavra distúrbio; e se é distúrbio é porque há a possibilidade de se falar bem, sem disfluências, sem gaguejar.

Gagueira não pode ser considerada como um distúrbio *da* fala, já que não há fala correta nem incorreta. Talvez um distúrbio que pode ocorrer *na* fala, ainda mais porque a fala comum é cheia de desvios, de bloqueios, hesitações. Poderíamos, em relação à gagueira, falar de um aumento da frequência de disfluências. Acontece, porém, que “disfluir” – perdendo-se o neologismo – é para lá de usual. Quanto mais ansiosos, tensos e temerosos estivermos, e mais impor-

tante ou difícil o assunto, mais “disfluiremos”. Os fatores emocionais (tensão, medo, ansiedade) são fundamentais à manutenção da gagueira, mas isto é uma realidade em quaisquer atos humanos.

Ainda assim, alguma definição deve ser estabelecida, principalmente porque é do diagnóstico que advém a terapêutica. Muitos gagos procuram por uma solução, carregados de muito sofrimento, e o terapeuta só poderá chegar a algum lugar se souber do que se trata a questão trazida; mesmo que aponte para uma terapêutica que não cura a gagueira em si, mas a relação do gago com a mesma.

Nesse sentido, deixo alguns parâmetros, que poderiam ser considerados:

- definir a gagueira é uma descrição, é uma caracterização;
- repetições e prolongamentos *involuntários* são necessários e suficientes para o diagnóstico;
- há um esforço do gago no sentido da fluência, que não existe nos não gagos, fato que não é percebido nem pelos gagos nem pelos não gagos;
- a fala é percebida como gaga a partir de: ocorrência de repetições e prolongamentos – audíveis – e a frequência manifesta das repetições e prolongamentos;
- a manifestação precisa da gagueira é única;
- fatores ambientais podem causar ou inibir a remissão da gagueira, levando à sua persistência ou prevenir que a gagueira ocorra mesmo em pessoas predispostas ou auxiliar em sua remissão;
- nenhum fator na vida do gago pode ser visto como certo para causar/manter a gagueira: estrutura familiar, raça, cultura, sociedade, características familiares – apesar da maior frequência em famílias que já têm outros gagos;
- é gago quem se percebe como tal, sendo o fator subjetivo o mais importante para o diagnóstico;
- a gagueira está relacionada a uma história particular do sujeito na construção de sua linguagem.

Encerrando minhas considerações, remeto-me à centopéia, que vivia feliz até que alguém a interrogou sobre sua caminhada, impedindo-a de seguir sua trajetória. Para não repetirmos isso com a gagueira, lembremo-nos de que, na gagueira, como já disse uma vez (Gomes, 1995, s.p.), “é do gago que se trata”!

Referências

- AJURIAGUERRA, J. de. (1980). *Manual de Psiquiatria Infantil*. São Paulo, Masson.
- BARROS, R. e FRIEDMAN, S. (2000). Concepções sobre fluência: ideologias subjacentes. *Distúrbios da Comunicação*, v. 11, n. 2, pp. 335-7.
- BLOCH, P. (1968). *Problemas da voz e da fala*. Rio de Janeiro, Letras e Artes.
- BLOODSTEIN, O. (1995). *A handbook on stuttering*. Londres, Capman & Hall.
- FRIEDMAN, S. (1986). *Gagueira: origem e tratamento*. São Paulo, Summus.
- _____. (1992). *A construção do personagem bom falante*. Tese de doutorado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
- _____. (1997). "Gagueira". In: LOPES F.º., O. (ed.). *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo, Roca.
- _____. (1998). Gagueira e subjetividade. *Distúrbios da Comunicação*, v. 10, n. 1, pp. 127-32.
- _____. (1999). Fluência: normalidade e patologia. *Distúrbios da Comunicação*, v. 11, n. 1, pp. 131-6.
- GOMES, R. E. O. (1995). Gagueira e Identificação sexual: reflexões teórico-clínicas. I CONGRESSO MINEIRO DE PSICOLOGIA, setembro, *Anais*. Belo Horizonte.
- GRÜNSPUM, H. (1987). *Distúrbios Psiquiátricos da Criança*. Rio de Janeiro, Atheneu.
- IRWIN, A. (1993). *Gagueira*. São Paulo, Martins Fontes.
- JAKUBOWICZ, R. (1983). *A gagueira: teoria e tratamento de adultos e crianças*. Rio de Janeiro, Antares.
- JOHNSON, W. et al. (1942). A study of the onset and development of stuttering. *Journal of Speech Disorders*, v. 7, pp. 251-7.
- MEIRA, M. I. M. (1983). *Gagueira: do fato para o fenômeno*. São Paulo, Cortez.
- _____. (1998). "Gagueira". In: GOLDFELD, M. *Fundamentos em Fonoaudiologia*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.
- SHEEHAN, J. (1953). Theory and treatment of stuttering as an approach-avoidance conflict. *Journal of Psychology*, v. 36, pp. 27-49.
- WINGATE, M. A. (1964). A standard definition of stuttering. *Journal of Speech and Hearing Disorders*, v. 29, pp. 484-9.